



9

RUY DE OLIVEIRA ANDRADE FILHO

“A respeito dos homens e dos seres prodigiosos”

Uma utopia do homem e de sua existência na obra de Santo Isidoro de Sevilha (*Etimologias*, Livro XI).

O livro das *Etimologias* é uma obra da maturidade de Santo Isidoro (aprox. 562-636). Redigido entre os anos de 615 e 632 (3, pp.172-3)(1), é um trabalho “enciclopédico”, dos que maior influência exerceu durante os séculos medievais. Na descrição de um seu contemporâneo, Braulio, quem o ler não ignorará nenhum conhecimento sobre tudo o que é divino ou humano (*Renotatio Isidori*).

Nas *Etimologias*, Isidoro já apresenta toda uma preocupação filosófico-científica (3, pp.189-1), base de toda uma nova cultura em formação. Seu método consiste em interrogar o nome, o que, nele, conduz a uma verdadeira “revelação religiosa” (4, I, p.44). É interrogando os vocábulos que se chega a “conhecer o sentido das palavras e dos nomes” (1, 29, 1) (2). Nomear os seres e as coisas, como para Adão (Gn 2, 19-20), supõe o conhecimento e a tomada de posse das suas realidades. A função da etimologia, portanto, nesta nova formação cultural que despontava, não é apenas original, mas essencial (4, I, p.28).

Preocupado em conservar o conhecimento antigo e em consagrar

RUY DE OLIVEIRA ANDRADE é doutorando em História Medieval do Departamento de História da FFLCH-USP e autor de *Os Muçulmanos na Península Ibérica* (Editora Contexto).

ADÃO E EVA, PELO PINTOR ALEMÃO ALBRECHT DÜRER

1 O primeiro número corresponde à nossa ordem bibliográfica; o segundo, ao da página correspondente à citação.

2 Quando em negrito, os números indicam, respectivamente, o Livro, capítulo e código das *Etimologias*; de sua companhia do algarismo romano, serão sempre referentes ao Livro XI.

o triunfo do cristianismo (1,pp.159-60), Isidoro transforma a palavra, a etimologia em si, no véu e na chave da realidade (5,p.122). Esta sua obra é muitas vezes entendida como uma verdadeira “conversão isidoriana à cultura profana” (3,p.212). No presente artigo, nos propusemos desmontar e remontar o texto do Livro XI das *Etimologias* sob a ótica da história das mentalidades. Percebemos então que Isidoro, fruto de sua época, mesmo quando busca uma “cientificidade” calcada mais acentuadamente nos autores clássicos, não escapa à cristianização dos conceitos que trabalha. Em nossa rearticulação de seu texto, buscamos nos aproximar do inconsciente isidoriano, desvelando diversos elementos cristianizadores que, muitas vezes, passaram pelo autor inadvertidamente. Por esta razão, procurando acentuar os elementos “não refletidos” espontaneamente por Isidoro, mesclamos o conteúdo dos quatro capítulos do Livro XI, alinhando-os com nossas interpretações. O resultado, longe de dar conta das *Etimologias*, mesmo apenas num de seus livros, desvenda uma obra extremamente rica em seu subtexto. Descobrimos que o mundo isidoriano, conforme a mentalidade medieval da qual ele é um dos formadores, apresenta um dualismo típico: encontramos aí elementos cognoscíveis e outros indecifráveis. É, por exemplo, o caso dos *portentos e prodígios*, que não são contra a lei da natureza, mas contra a natureza conhecida (3,1-2; *De Civitate Dei*, XXI,8,1-5) (3). Eles são a vontade de Deus.

No Livro XI das *Etimologias*, em que Isidoro trabalha com a anatomia humana, revela-se uma ordem universal obediente à vontade divina, na qual os cristãos lêem os desígnios de Deus. O mundo está a serviço do homem que, enquanto humano, deve cumprir as funções necessárias para a ressurreição, oscilando entre “o pecado, o livre arbítrio e a graça” (6,p.68). Composto pelos quatro elementos (terra, água, fogo e ar), o mundo (*macrocosmos*) estabelece uma correspondência com o homem (*microcosmos*), sendo que o primeiro coloca-se como um caminho no qual o cristão deve “entrar, atravessar e sair” (6,p.71).

O homem como microcosmos. Feito do barro (Gn 2,7), o homem integral é duplo: corpo e alma (1,4) (4). O corpo liga-se à carne

sem, contudo, confundir-se com ela, pois a carne “tem vida enquanto vive o corpo” (1,17). Como o mundo, a carne constitui-se pelos quatro elementos. Ela é terra enquanto carne; ar na respiração; água no sangue; e fogo no calor vital (1,16). Respectivamente melancolia, sangue, paciência e bñlis, também quatro são os humores do corpo, responsáveis por todas as enfermidades (IV,5,3) e cujo equilíbrio determina o *temperamentum* do homem.

O homem, enquanto humano, dota-se do dualismo *corpo/carne* cognoscível, e *alma/inteligência* que o torna *imago Dei*. O corpo, como diz Gregório Magno, “é o abominável vestido da alma” (7,p.480). É o que vemos, o que apalpamos, o que mais ou menos chegamos a conhecer, pelo que é rejeitado. E não apenas por isto, mas também por sua transitoriedade, por ser a parte que irá desaparecer (5). No conjunto *corpo/alma*, o elemento integrador são os sentidos, que servem para governar o corpo (1,19). Tais sentidos nada mais são que projeções da alma enganando-se quem “por princípio, não lhes dá fé” (*De Civitate Dei* XIX,18).

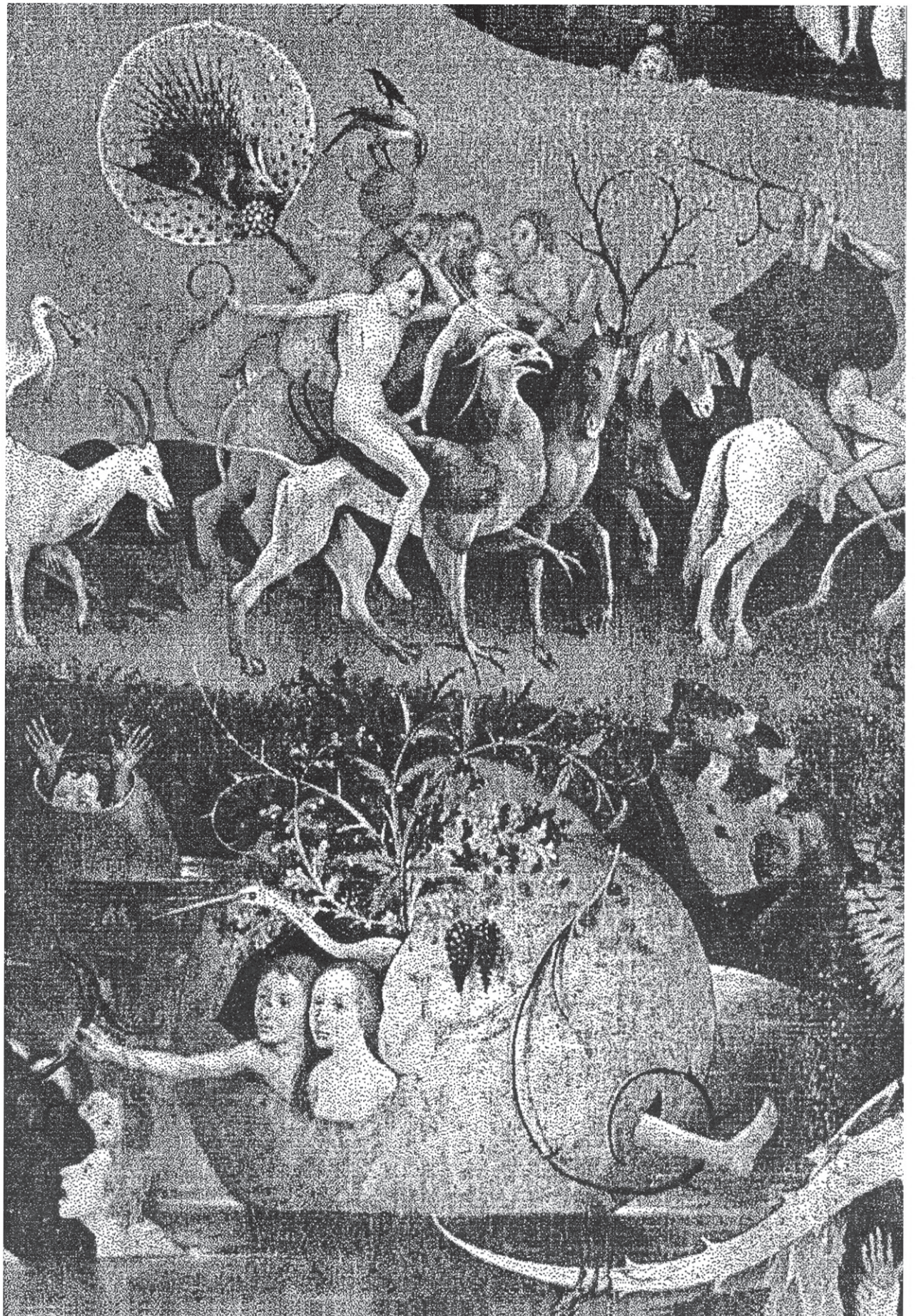
Desta forma, à imagem do mundo (Céu e Terra), o homem possui corpo e alma. Tal como as esferas do mundo (celeste, terrestre e infernal), três são as esferas humanas: inteligência, corpo e carne. Cada uma destas esferas humanas possui o seu centro: o *coração*, origem de toda inteligência (1,119); a *cabeça*, de onde procede todo princípio da vida (1,25); e o *umbigo*, centro do corpo (1,99). Tais pontos nos permitem tentar estabelecer uma geografia do corpo humano. Encontraríamos aí três tipos de relevo: a depressão, a planície e a montanha, respectivamente as partes baixas, medianas e altas.

Depressão/Partes Baixas. Associada à decadência, esta parte da geografia do corpo acolhe os órgãos genitais, o que mais provoca horror no corpo pelos seus aspectos sexuais (6,p.59). É a localização do ventre, que possui o dom do envolvimento (1,98); do traseiro que, ao expelir os excrementos, ofende o rosto (1,105), local privilegiado das manifestações da alma. Aí instalam-se os quadris, os joelhos, as pernas, que se dobram para baixo, marcando a sua condição de “carne” (1,107). Ainda dentre os elementos visíveis, os pés que nos fixam ao chão, que deixam nossas marcas na terra

3 Para outras fontes, também listadas na bibliografia, indicaremos apenas o título e a parte da obra de que procede a citação.

4 São Paulo (ITes 5,23; ICor 15,14) compreende o homem integral dotado de três elementos: o *espírito/pneuma*, que é a parte reservada para a imortalidade; a *alma/psykhe*, que anima o corpo; o *corpo/soma*, a parte que desaparecerá. Já Isidoro, com base em Jo 10,18, estabelece que o espírito é igual à alma (1,9). A *na (pneuma/spiritus)* é apenas o princípio da geração para o conjunto dos seres animados; em seu princípio espiritual, é o pensamento humano (1,11-12).

5 Santo Agostinho assegura a certeza no conhecimento das realidades captadas pela inteligência e pela razão, mas entende que este conhecimento é limitado justamente pela corruptibilidade do corpo (*De Civitate Dei* XIX, 18).



(1,112-115), limitando-nos à nossa condição material.

Internamente, a *depressão* acolhe o fígado, local do fogo que se expande para o cérebro, chegando aos olhos e demais sentidos; é a residência da libido e da concupiscência (1,125). É o local dos intestinos (1,129) com suas matérias fecais, dos rins, que produzem a ira (1,128). Significativamente colocado do lado esquerdo, encontramos o baço, produtor da bÍlis, posto alÍ para “preencher um espaço vazio” (1,127), Órgão de onde provém e provoca-se o riso que, quando exagerado, agrega a idÉia do escÁrnio e da degenerescência.

Elemento que envolve, o ventre também se preenche e se esvazia (gravidez, fezes...), local das sedes e desejos insaciáveis. É o símbolo da mãe, análogo ao da caverna (2,pp.1071-2); lembra o corpo feminino, “lugar de eleição do diabo” (6,p.59). Reflete também um local de proteção, de refúgio, que pode transformar-se num monstro devorador, na “Hidra”, personificada na mãe possessiva, que não liberta o filho, deixando-o preso a ela. É, desta forma, símbolo da dualidade *liberdade/prisão*: é onde tanto a alma quanto o corpo têm seus inÍcios.

As *partes baixas* assemelham-se àquilo que poderÍamos associar com os castigos infernais. Temos aí o fel, o fogo, o movimento das pernas (6), o voltar-se para baixo, a dor, a defecação, o mau odor que ofende os sentidos, os Órgãos da sexualidade... Dotam-se de um movimento circular, um eterno preencher e esvaziar, sempre com uma nova necessidade a ser preenchida. São os animais que se encontram “presos ao estÓmago” (1,5). O joelho, que toca os olhos no útero materno (1,109) lembra a idÉia de o inferno buscar a semelhança com o céu (7). O ventre, local de origem da alma e do corpo é, pois, nosso local de “ENTRADA”.

Planície/Partes Medianas. Geograficamente, é o apoio das Partes Altas (Montanha) e o ponto de ligação com as Partes Baixas (Depressão). Local do tÓrax ou “arca”, que guarda o segredo, o arcano (1,73). Representa uma nova aliança universal após Noé, símbolo de uma nova presença, consubstanciada na vinda de Cristo. É uma nova salvação, não contra o Dilúvio, mas contra o pecado. Ferido pelo soldado romano, o peito de Cristo abre alÍ uma porta, associada à porta da arca

(2,pp.130-2). Tal é a Igreja: a nova arca.

Se o tÓrax é o centro, ele também serve de centro a outro centro: o coração/arca. Nas concepções isidorianas, podemos entendê-lo também como local dos inÍcios, pois o feto começa a se desenvolver pelo cérebro ou pelo coração (1,143). É ele que conserva o conhecimento sagrado, depósito dos segredos e das mutações, representando a conservação e o renascimento dos seres. É por onde, privilegiadamente, corre o sangue (que “é o que dá força, sustento e vida”; 1,122) associando-o à lembrança do Dilúvio e, concomitantemente, ao Graal, que recolhera o sangue de Cristo. Com duas artérias, a esquerda é a que transporta o sangue, a matéria; a direita transporta o alento (1,118).

O peito, local de amamentação e de adoção, é onde recebemos o primeiro alimento, o leite, espiritual por excelência (ICor 3,2). Tomado nas mamilas, que são semelhantes à maçã (1,74) (8,p.2), representam a morte do ser para o Paraíso adâmico e seu nascimento para a terra. Branco, a cor da luz, da teofania (auréola dos Santos), o leite ritualiza a passagem da morte para o renascimento (2,p.190).

Os pulmões recebem o hálito, atuando como foles do coração (1,124). São o receptáculo do alento, de ação misteriosa, comparável à do vento. Presta assistência à Palavra (Verbo), acalmado a ira do coração (1,118).

Os braços e as mãos são símbolos de mando e habilidade. É através da mão direita que se faz a justiça régia, propõe-se a paz, oferece-se a benção, dá-se testemunho. É pelo braço direito que se toma o pulso (1,118), que se percebe a vida. O esquerdo é o que “permite fazer as coisas” (1,67-68): clara alusão à possibilidade do erro. Entre os celtas, um soberano que perdesse o braço direito perderia o trono, já que lhe restava apenas o esquerdo, o sinistro, aquele que é perigoso (2,p.683). As mãos criam e destroem: Órgão privilegiado do tato, o mais perigoso dos sentidos e, paralelamente, aquele que dá a alguns reis os poderes taumatúrgicos. Podem ser comparadas aos olhos porque comunicam através da escrita (2,p.684).

A *Planície/Partes Medianas* é o centro que contata os dois níveis: o superior e o inferior. É o local das ambigüidades humanas, onde temos dois pulmões, dois braços e mãos, duas mamilas, o peito oposto às costas, um coração, mas com duas veias (8). É

6 O movimento das pernas contrasta com o dos braços que conseguem voltar-se para o alto em oração, possuindo a duplicidade alto/baixo (6,p.71). São as pernas que geram o movimento do corpo, ressaltado por Isidoro no sentido de “correr” (1,110), oposto ao ideal de assemelhar-se ao céu, estável. Tal movimento possui uma dualidade, podendo conduzir o homem simultaneamente para a salvação ou para a perdição.

7 Na concepção isidoriana, no feto os joelhos se alojam nas maçãs do rosto (=Partes Altas), formando a cavidade em que estão os olhos. Estes, por sua vez, são os pontos principais pelos quais a alma deixa vislumbrar a sua luz. Quando toca a terra, a matéria (ajoeilhado), ele faz o homem chorar, recordando o seio materno (1,109). Em termos de hipótese, supomos aí a lembrança dos anjos caídos: junto aos olhos no feto, quando é expelido pelo útero os joelhos são lançados para baixo.

8 Também na Depressão/Partes Baixas encontramos duas pernas, dois pés, dez dedos (número perfeito) onde, uma vez mais, observamos a tentativa infernal de assemelhar-se aos círculos celestiais.

também o local de bombeamento do sangue, fornecedor do calor e da vida, princípio corporal e veículo das paixões, com a cor que simboliza a alma, a libido e o coração. A Planície concentra as dualidades direita/esquerda, oriente/ocidente, nascimento/morte. É, pois, o caminho que ATRAVESSAMOS.

Montanha/Partes Altas. É o símbolo da altura, do centro, da transcendência, da ascensão (2,pp.722-4), primeiro local a ser derrubado no fim dos tempos (Ap 16,20). É a geografia das partes nobres do corpo. A cabeça, princípio de toda vida, personificação da alma, vela pelo corpo (1,25), governa, ordena, esclarece. Nela residem todos os sentidos. No rosto/vulto/frontera (1,33-35), mostra-se a figura do homem, a expressão de suas vontades e desejos, de seus estados anímicos. Através dos olhos temos a dimensão da alma, donde se denominam também de *lumina*, transmissores da luz interior (1,36). Quase que poéticamente, o texto isidoriano menciona que as lágrimas são conhecidas como *laceratio mentis*, uma ferida do espírito (1,41), donde a associação de que, quando nos ajoelhamos, tendemos a chorar (*). É com a visão, luz da alma, que o homem, verticalmente posicionado, olha para o seu Criador (1,5). Também com eles observamos as realidades terrenas, constatamos o tempo e também olhamos para a eternidade. O duplo tempo/eternidade unifica-se com a visão interior, com os olhos da alma. A fisiologia isidoriana, fundamentada no mecanismo dos “humores” e da força transmitida pelo espírito (*pneuma*), entende os órgãos como lugares de passagem, receptáculos ou veículos, considerando-os não em termos de função específica mas de finalidade (8,p.2). Desta forma, o coração, origem de toda ciência, que vivencia a passagem da matéria (sangue) e do espírito (*pneuma*), teria dentre os seus fins a unificação da dualidade tempo/eternidade, olhando o incognoscível nesta vida, realizando o papel da visão interior, da aproximação com Deus. Pela boca, insuflamos a alma e recebemos o alimento (1,49). Ela possui duas saídas: uma em direção aos dentes e outra para a garganta (1,55; *De Civitate Dei*, VII,8). Temos, pois, uma saída para a palavra e outra para o alimento. Respectivamente, as portas para o Paraíso e para o Inferno. Pela palavra, podemos organizar através da ra-



SANTO AGOSTINHO

ção e, simultaneamente, destruir. Internamente, a boca contém a língua, associada ao fogo e também à “língua de fogo” do Espírito Santo; desta forma, possui os princípios criador/destruidor. Isidoro aponta significativamente que uma das características da infância (e, portanto, da pureza) é a ausência da palavra (2,9).

A *Montanha/Partes Altas*, é, pois, o local onde residem os organizadores do corpo e da vida; o foco de saída da luz da alma. Alise espelha o vivo, o calor do Verbo, gerador do movimento do sangue, do sopro, da vida intelectual, da palavra, da existência espiritual. É a residência do renascimento e da regeneração, da criação e da destruição: é a SAÍDA.

O Pecado Original, o Livre-Arbitrio e a Graça. “Rimos graças ao baço; nos irritamos com o fel; conhecemos através do coração e amamos com o fígado. Um ser vivo pode se dizer completo quando possui estes quatro elementos” (1,125). A Revelação dotou o mundo de uma dupla operação: de cima para baixo, representando Cristo que revela ao Deus desconhecido; de baixo para cima, proposto pela primeira operação, que exige, em contrapartida, a ascensão da alma, o retorno (6,71). Tais movimentos só são possíveis aos homens: tal é aqui a representação de sua postura vertical (apesar de toda a sua polissemia -6,68), de seu olhar voltado para o criador. Os animais olham para o solo, mantendo-se presos ao estômago (1,5). O

* Ver nota 7.

vertical assume um valor de tomada de consciência, de transcender a condição humana. Tal era o desejo medieval: fazer o céu descer à terra pelo desprezo do corpo e do mundo, de onde passa a atuar sobre as realidades invisíveis. Assim, enquanto ser livre, o homem obedece à natureza humana, colocando-se entre o pecado, o livre-arbítrio e a graça.

O texto isidoriano aponta o umbigo como centro do corpo (1,99). Após o nascimento, serve apenas de ornato. É também onde reside o prazer sexual das mulheres (1,98). A sede da libido instala-se no centro do corpo (8,p.7), no ornato, no supérfluo: bate-se frontalmente com o ideal medieval de combate contra a sexualidade anticonceptiva. Adão não sofrera a queda pela inteligência (que o torna *imago Dei*), mas pelo sexo (1,12;6,p.59). Vergonhas, partes desonestas, sem beleza: tais são os termos isidorianos para os órgãos genitais (1,102). A “idade pura” é considerada como aquela em que os seres humanos ainda não estão aptos para conceber (2,3). Segue-se aqui a tendência a ver na mulher a primeira debilidade do homem: são mais libidinosas, de onde amor ardente se diz amor feminino; e estão mais submetidas ao desejo que os machos, tanto entre os seres humanos como entre os animais (2,24;8,p.8). No andrógino ou hermafrodita, a parte feminina é a esquerda (3,11), considerada inferior. Assim, a mulher apresenta-se como portentos que não o são, a exemplo das Górgonas, Hidras e Sereias (3,28). O repúdio do corpo inclui a sua nudez, vista como castigo do pecado: Adão e Eva após a queda; Noé embriagado que mostra a sua nudez (Gn 9,21-23). Símbolo da heresia, da impiedade, do impudico e do pecado, o homem deve se afastar do corpo/carne.

Mas o corpo é apenas a aparência, não a essência. A matéria, tal como o mundo, caminha para o seu fim. Na velhice ou senilidade, diminuem os sentidos (2,27) e há um resfriamento e diminuição do sangue (1,123), sendo digna de lástima pelo seu desamor (2,30). Ela nos encaminha para o fim, para a morte, vista como conclusão dos dias ou cumprimento do dever da vida (2,30-36). Todavia, nela nos encontramos libertados dos instintos e das coisas más, possibilitando dar melhores conselhos pelos conhecimentos adquiridos (1,30). Na velhice, o

homem já passou pelos *prodígios* (provas) e terrores do mundo; prepara-se para a ressurreição. Conhecerá, por fim, os *monstros*, aqueles que guardam os segredos. Tais *monstros* e *prodígios* nada mais são senão seus temores e instintos que, se existem, “não são homens; e se o são, também são filhos de Adão” (*De Civitate Dei*, XVI,8) (9). Assim como os quatro elementos que compõem a carne humana regressarão à sua essência, estes mesmos quatro elementos podem transformar-se em espécies distintas, sendo este o *status* dos metamorfoseados (4,3). O caminho da ascensão neste mundo não passa pela sua compreensão, mas pelo afastamento dele.

A inteligência nos torna semelhantes a Deus, mas ela é apenas um aspecto da alma. É através desta última que exercemos a vontade (*ânimo*), que desenvolvemos o conhecimento (*mente*), que recordamos (*memória*) e que sentimos (*razão*) (1,13). Pela cabeça, centro destas manifestações, organizamos e dirigimos o corpo, dispondo de certa independência nos limites da consciência. A ascensão da alma passa por diferentes esferas cósmicas internas e diferentes graus corporais e etéreos (*Confissões*, 9,25). A carne atrai para baixo; já não se trata apenas do corpo ou da sua condição de humanidade, mas da “natureza humana, que perdeu sua perfeição no pecado original” (Rom 7,14; 8,8 e Gal 5,13; 6,8).

A carne, assim, assemelha-se ao “caos” que deve ser vencido pela mente/espírito (organização/razão). A alma deve domesticar os animais nomeados por Adão, que representam os instintos. Sendo a alma uma graça divina, é graças a ela que, mesmo sem ânimo (inteligência-vontade) continuamos vivos (1,11). Se rimos pelo baço, amamos pelo fígado e nos irritamos com o fel (Depressão/Partes Baixas), conhecemos pelo coração (Planície/Partes Medianas) e a tudo organizamos com a cabeça/alma (Montanha/Partes Altas).

O feto forma-se no útero (ventre) inicialmente pela cabeça ou pelo coração. Ao nascer, sai das trevas para a luz, e ainda não dispõe da palavra (Verbo). Ele possui um corpo e uma alma. Ambos recebem o leite materno, o alimento inicial, cuja brancura é como a alba, cheia de indefinições e possibilidades. É também a bruma ou o desconhe-

9 Não é menos maravilhoso o comportamento natural das coisas conhecidas e vulgares; a todos deveriam parecer milagrosas, não fosse o costume dos homens em se admirar do que é raro (*De Civitate Dei* XXI,8). Existem aqueles que entendem como estando fora das leis naturais os *prodígios* e os *portentos* e o que na verdade ocorre é que eles vão apenas contra a natureza conhecida (3,2). Através de nossa percepção, notamos toda uma série de seres como os portentos (*prodígio-anúncia*), ostentos (*portento-manifesta*), monstros (*mostram*) e *prodígios* (*predizem*), através dos quais Deus quer nos informar o que acontecerá (3,2-4).

cido. Ainda menino, o ser tem na luz de seus olhos o reflexo da pureza de sua fé, pois ainda não está apto para conceber. Esta possibilidade o torna adolescente, podendo engendrar outra vida e, paralelamente, adentrar à corrupção da carne. É o momento em que se manifestam os animais, os *prodígios* e *portentos* que, na realidade, nada mais são que a mostra da condição humana em seus instintos e impulsos, como seus sentidos. A ambigüidade corpo/alma tem seu ápice na juventude, quando o homem pode obrigar a mulher, se necessário for, forçando a harmonia. É o momento em que suas pernas podem desencaminhá-lo. Passa então para a maturidade onde, se tiver se encaminhado bem, está próximo da altura, não tendo se deixado cair pelas ancas ou desencaminhar pelas pernas. A velhice, lastimada pela decadência do corpo, corresponde, por outro lado, ao esplendor da razão, que prepara a sua união com Deus.

A descrição isidoriana do corpo humano transforma este num reflexo do mundo celeste, que deve ser buscado, afastando-se das tentações do *ventre*, controlando-se a dualidade do *peito* através da *inteligência*.

A presença do corpo impede a visão de Deus, mas a inteligência mantém com Ele um vínculo ascensional que, degrau a degrau, o homem deve tentar escalar. É esta proposta de ascensão e de interiorização que viabiliza a viagem terrestre, que segue o itinerário entrar/atravessar/sair. Em meio a ela, a existência passa pelas contraposições alto/baixo, subir/descer, interior/exterior, entrar/sair, às quais acrescentaríamos outras duas: frente/atrás, vazio/cheio.

Se a revelação dotou o mundo de uma dupla operação, alto/baixo e baixo/alto, Deus efetua a primeira, gerando o homem a partir de seu alto (cabeça/Cristo) ou de seu centro (coração), sendo esta última opção a que também permite que o homem se coloque no centro das duas esferas. Cabe, pois, ao homem, realizar a segunda operação, mantendo-se verticalmente, olhando para o seu Criador e ascendendo para Ele através da razão. Desta forma, o homem enquanto *microcosmos* apresenta o seu *inferno* do ventre para baixo (Depressão); a sua *humanidade* no tórax ou “arca” (Planície); e efetiva a utopia de seu *paraíso* terrestre através da cabeça (Montanha).

FONTES (*)

*Por motivos de espaço, indicaremos aqui apenas a bibliografia citada em nosso texto.

SAN AUGUSTIN. *De Civitate Dei*. Ed. bilíngüe (latim-espanhol) de S. S. del Rio e M. F. Lanero. 2v. Madrid, BAC, 1978.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Ed. de J. O. Santos e A. A. de Pina. Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1989.

SAN BRAULIO DE ZARAGOZA. *Renotatio Isidori*, in C. H. Lynch e P. Galindo, *San Braulio, o Bispo de Zaragoza (631-651). Su Vida y sus Obras*. Madrid, CSIC, 1950, pp. 356-61.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etymologiarum*. Ed. bilíngüe (latim-espanhol) de J. O. Reta e M. A. M. Casquero. 2v. Madrid, BAC, 1982.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo, Paulinas, 1981.

Bíblia Vulgata. Ed. de A. Colunga e L. Turrado. Madrid, BAC, 1985.

BIBLIOGRAFIA CITADA

1. BANNIARD, M. *Gênese Culturelle de l'Europe*. Paris, Seuil, 1989.
2. CHEVALIER, J. e A. GHEERBRANDT, *Diccionario de Símbolos*. Barcelona, Herder, 1986.
3. DIAZ Y DIAZ, M. C. “Introducción General”, in San Isidoro de Sevilla, op. cit., v. 1, pp. 1-257.
4. FONTAINE, J. *Isidore de Séville et la Culture Classique dans l'Espagne Visigothique*. 2v. Paris, Études Augustiniennes, 1959. Há uma nova edição desta obra (1983) acrescida de um terceiro volume que incorpora uma nova e significativa bibliografia.
5. ———. “Cohérence et Originalité de l'Étymologie Isidorienne”, in *Homenaje a Eleuterio Elorduy*. Bilbao, Universidad de Duesto, 1978, pp. 113-44.
6. LE GOFF, J. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa, Edições 70, 1985.
7. ———. *La Civilización del Occidente Medieval*. Barcelona, Juventud, 1969.
8. THOMASSET, C. e JACQUART, *Sexualidad y Saber Médico en la Edad Media*. Barcelona, Labor, 1989.